

Um pequeno passo para o Homem, um gigante passo para o futuro:

A Educação Ambiental como motor para a mudança

Vivemos numa era cada vez mais marcada pelo **desequilíbrio ecossistémico**. Segundo a avaliação anual do Fórum Económico Mundial, em 2020 os **cinco riscos globais mais prováveis de afetarem o mundo na próxima década** pertencem apenas a uma única categoria: a **ambiental**.

Os **fenómenos climáticos e naturais extremos, o falhanço nas ações de mitigação e adaptação às alterações climáticas, a perda de biodiversidade e os desastres ambientais** provocados pela

sociedade civil transcendem **fronteiras**, conduzindo à acentuação das **desigualdades sociais** e dos níveis de **pobreza**.

Estivemos à conversa com **Joaquim Pinto**, presidente da Associação Portuguesa de Educação Ambiental (ASPEA), para debater a **pertinência de olharmos para o futuro sem nunca nos esquecermos de agir no presente**, uma vez que só assim será possível retardar os impactos consequentes da exagerada utilização dos recursos essenciais.

Haverá esperança para a geração vindoura? A Educação Ambiental garante ser um dos caminhos!

Emergida na comunidade há já meio século, este **método de aprendizagem**, com um **enfoque educativo-ambiental** e **promotor de uma cidadania ativa, consciente, dinâmica e informativa**, assegura o **envolvimento e o compromisso de cada indivíduo e organização** face às situações de crise atuais.

“Esta ação aborda de uma perspetiva educativa e sociopolítica as questões ambientais, com um horizonte de responsabilidade e atuação. Para além de identificar e reconhecer as problemáticas, é preciso refletir sobre as mesmas de uma forma interventiva e contribuir para os processos de decisão”, explicou o presidente da **Associação Portuguesa de Educação Ambiental (ASPEA)**.

Neste sentido, **utilizar o conhecimento para avaliar a realidade envolvente, formular e debater argumentos e sustentar posições** é o mote e propósito desta temática, que promete **impulsionar novos pontos de vista, estratégias no diálogo educação vs. ambiente e métodos pedagógicos, gerar iniciativas solidárias e fomentar a coesão, integração social e liberdades cívicas**.

“Esta estratégia tem de ser vista pela mudança individual, aquilo que somos capazes de fazer, e não tanto apenas pela questão da sensibilização. É preciso alertar, para depois agir. Temos de estar sempre um passo à frente”, referiu Joaquim Pinto.

O papel das instituições de ensino e o protagonismo juvenil

Para que exista uma **mudança comportamental**, tendo em consideração a preservação do meio ambiente e o desenvolvimento sustentável, **é imperativo que se utilize as escolas como um lugar privilegiado para consciencializar os mais jovens**, uma vez que o seu papel transformador possibilita a **expansão do conhecimento e do instinto questionador**.

Os **ministérios da Educação e Ambiente** uniram esforços para desenvolver e acompanhar projetos dedicados à área ambiental, através da **Estratégia Nacional de Educação Ambiental**, assente na experiência internacional e nacional, na capacitação da sociedade face aos desafios ambientais e na sustentabilidade e cidadania.

É necessário que os **educadores e professores** sejam mediadores neste plano educativo, através de **ações práticas do dia-a-dia que levarão à reflexão e construção de soluções por parte dos seus alunos**. Afinal, tal como explica a **Direção Geral da Educação (DGE)** no Referencial de Educação Ambiental para a Sustentabilidade, *“a escola não se pode limitar a ser um mero espaço de transmissão de saberes académicos”,* devendo preocupar-se, também, *“com a formação dos jovens enquanto cidadãos de pleno direito, preparando-os para o exercício de uma cidadania ativa, responsável e esolarecida face às problemáticas da sociedade civil”*.



Joaquim Pinto, presidente da Associação Portuguesa de Educação Ambiental

É neste âmbito que o **programa Eco-Escolas**, presente em cerca de **32% das escolas do ensino público em território nacional**, surge com o intuito de colaborar para a **formação de uma comunidade escolar mais verde**, acionando um conjunto de ações e pequenos mecanismos que a tornem mais participativa.

"Cada escola decide as suas atividades que, por sua vez, são adaptadas às características, à faixa etária e ao grau de escolaridade. Oferecemos um conjunto de projetos opcionais para incentivar e premiar as instituições, como os "Recreios com Vida", que pretende que os espaços comuns sejam espaços de integração e não de exclusão", contou **Margarida Gomes**, operadora nacional do Eco-Escolas.

Ao pensar-se na **transversalidade e interdisciplinaridade** da temática, é imprescindível o envolvimento juvenil, considerando que os problemas sociais decorrentes da agressão ao meio ambiente podem ser minimizados com o **trabalho coletivo**, a **busca de informações** e o **direcionamento do trabalho docente em prol da formação cidadã**.

"Os discursos de retórica que alertam para a importância de deixarmos algo para as gerações vindouras é um discurso esgotado. Precisamos de considerar e falar nas gerações presentes, temos de concertar a responsabilidade individual com os compromissos coletivos para trabalhar e atuar com as gerações presentes. Daí, também, o papel

importante das redes e dos grupos da sociedade civil organizados, dos educadores ambientais, da comunidade docente e científica e dos técnicos de municípios para chamarem os jovens a decidir políticas que os irá implicar e comprometer no futuro", aconselha o presidente da ASPEA.

Assim, a **Educação Ambiental deve e merece ser uma componente central dos sistemas educacionais**, de forma a que, enquanto atores de intervenção, sejamos capazes de **resolver desafios, respeitar a diversidade cultural e contribuir para a criação de um mundo ambiental e socialmente mais justo. Assume a linha da frente e põe mãos à ética ecológica.** ■

